

# DF ganhará oficina ortopédica em setembro

**WARNER BENTO FILHO**

Se um brasileiro fratura um braço ou uma perna e não tem dinheiro para custear a reabilitação numa clínica privada, restam duas opções. A primeira é contentar-se com o incômodo e anti-higiênico gesso. A segunda é esperar pelo menos 45 dias até que o sistema público de saúde conclua um processo de licitação para a compra de uma órtese plástica feita à medida que substitui com vantagem o gesso.

Esta é apenas uma faceta — talvez a mais amena — de uma realidade que já tem prazo para terminar. A partir de setembro, a população do Distrito Federal contará com uma oficina ortopédica apta a fornecer gratuitamente o aparelho necessário para a reabilitação de fraturas. Oficialmente, a iniciativa chama-se Oficina de Órteses e Próteses Ortopédicas e a sua instalação está sob responsabilidade do Departamento de Tecnologia da Fundação Hospitalar do Distrito Federal.

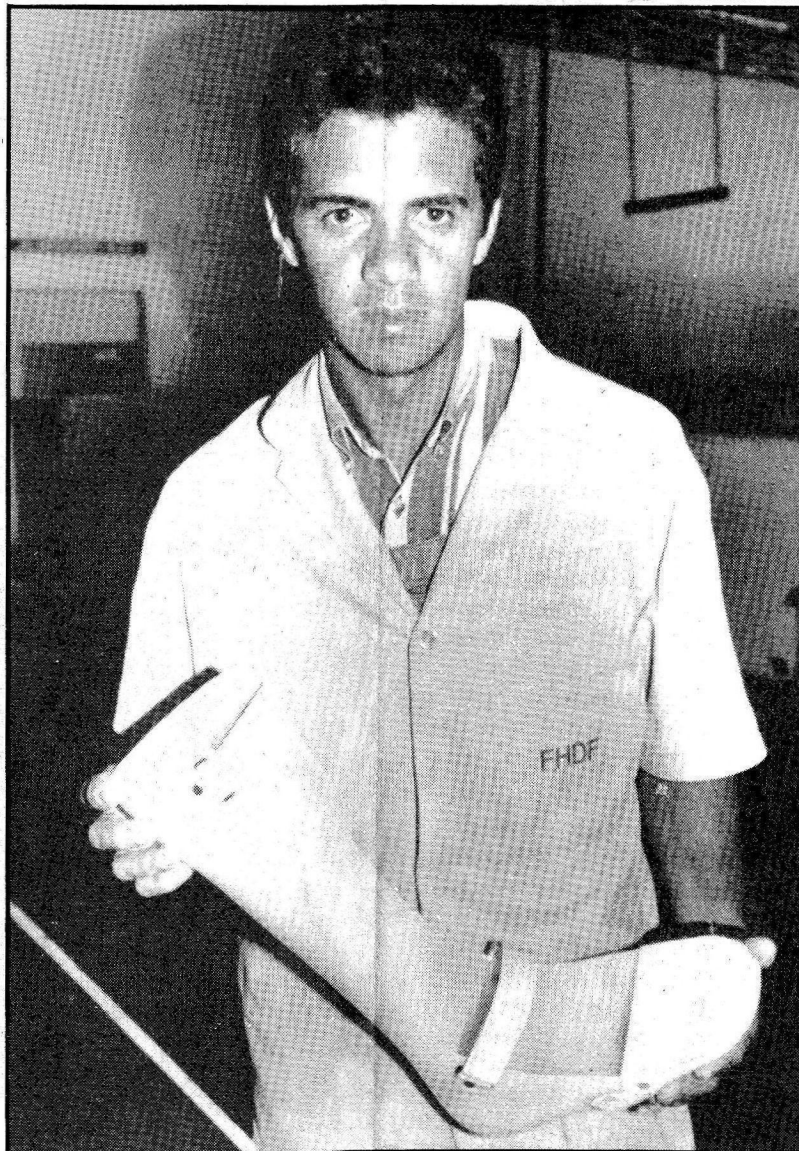
“Em nenhuma parte do mundo se concebe mais um serviço de ortopedia, de cirurgia plástica, de fisioterapia e de atendimento a queimados, entre outros casos, sem o apoio de uma oficina ortopédica”, sentencia o médico fisiatra Inácio Republicano de Oliveira do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN).

O Projeto de implantação da

oficina prevê três fases distintas. A que se inaugura em setembro poderá produzir cerca de 100 órteses por mês. Órteses, de maneira geral, são aparelhos usados na reabilitação de pacientes. Óculos e muletas são dois exemplos de órteses. A oficina do Departamento de Tecnologia, no entanto, se ocupará somente da produção de órteses ortopédicas, que servem para a recuperação de braços ou pernas. No jargão médico informal, elas são chamadas de “calhas inferior e superior”. São uma espécie de molde do braço ou da perna, fabricados sob medida em material plástico (polipropileno). Estas são órteses consideradas de “baixa complexidade.” A segunda fase prevê a produção de órteses de média complexidade — para tórax, por exemplo. A última fase inclui também o fornecimento de próteses — a substituição de um membro.

A situação atual é considerada caótica pelos profissionais da área. Para se ter uma idéia, há hoje no DF, segundo levantamento feito desde março deste ano, 647 pacientes na fila de espera por algum tipo de órtese. Além disso, a Fundação Hospitalar também tem uma considerável demanda de próteses. De agosto de 1991 a fevereiro deste ano, o Hospital de Base atendeu 396 pacientes que tiveram um membro amputado, segundo dados fornecidos pelo chefe do Serviço de Cirurgia Vascular do hospital, o médico Múcio Fonseca.

Sebastião Pedro



**Aparelhos possibilitam que deficientes tenham uma vida normal**